

TROCANDO O PRÓPRIO NOME: IDENTIDADE CULTURAL E ME- MÓRIA EM “THE HEADSTRONG HISTORIAN”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Cláudio Roberto Vieira Braga*

* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

E

Resumo

Este artigo discute o registro ficcional do choque de culturas decorrente da intervenção de missionários brancos em um clã nigeriano, representados em “The headstrong Historian” de Chimamanda Ngozi Adichie. As tensões entre o lembrar e o esquecer são articuladas pelo conflito de gerações que nasce do embate entre a tradição local dos mais velhos e a aculturação dos mais jovens que é simbolizada, principalmente, pela troca do nome tradicional por um nome inglês, condição que lhes é imposta. Discute-se, ainda, as referências histórico-culturais que recriam o trauma do colonialismo e seus reflexos em tempos pós-coloniais, inseridas na narrativa por Adichie.

Palavras-chave: Identidade Cultural; Memória; História; Colonialismo; Adichie.

I

Se, para alguns, a rede mundial de computadores representa algum tipo de ameaça à literatura, para outros ela é mais um meio de divulgação que proporciona visibilidade a autores e suas obras. Foi por um *e-mail*, encaminhado por uma amiga historiadora, que descobri Chimamanda Ngozi Adichie. No anexo estava sua mini conferência **The danger of a single story**, de julho de 2009, promovida pelo grupo sem fins lucrativos **Technology, entertainment, design – TED** – e popularizada pelo site de vídeos **Youtube**. Em apenas 19 minutos, é possível apreender alguns fundamentos de sua literatura: não existem histórias únicas, mas uma rede de perspectivas entrelaçadas e justapostas, complexa e variada como a própria cultura, o próprio ser humano.

A condição de internauta também me permitiu descobrir a história da palestrante que me havia chamado a atenção. Adichie é uma escritora da etnia *Igbo*, nascida em Enugu, Nigéria, em 1977. Filha de Gra-

ce Ifeoma e James Nwoye Adichie, ela passou a infância em Nsukka, cidade-sede da Universidade da Nigéria, na casa antes ocupada por Chinua Achebe, escritor considerado um dos precursores da literatura pós-colonial e que é forte influência no trabalho de Adichie. Seus pais trabalhavam na universidade: James era professor de estatística e Grace escritora. Os seis filhos do casal estudaram na escola universitária.

Antes do ensino superior, Adichie já havia se destacado academicamente, tendo recebido diversos prêmios. Estudou medicina e farmácia por um ano e meio, período em que foi editora da revista **The compass**, dos estudantes de medicina. Aos 19 anos, recebeu uma bolsa para estudar nos Estados Unidos. Fez comunicação na Universidade Drexel, Filadélfia e ciência política na Universidade Estadual de Eastern Connecticut. Graduou-se com honras em 2001, cursando, em seguida, mestrado em escrita criativa na Universidade John Hopkins, em Baltimore. Adichie foi também pesquisadora convidada em Princeton e, em 2008, concluiu mestrado em estudos africanos na Universidade de Yale.

Seu primeiro romance, **Purple hibiscus**, foi escrito em 2003, último ano do curso de ciência política feito em Connecticut. O livro foi enaltecido pela crítica e recebeu o prêmio de melhor “primeiro livro”, concedido pelo Commonwealth Writer’s Prize, em 2005. A segunda obra, **Half of a yellow sun**, foi publicada em 2006, a princípio no Reino Unido e, posteriormente, nos Estados Unidos e na Nigéria. A coletânea de contos **The thing around your neck** (2009) é seu mais recente trabalho.

Destacam-se, ainda, inúmeros ensaios e contos publicados em periódicos de vários países, principalmente Estados Unidos e Inglaterra. “The headstrong Historian”, conto que elegi para este trabalho, foi publicado na revista estadunidense **The New Yorker**, em 2008, estando disponível também na versão *online* do periódico.

“The headstrong Historian” (2008) tem como protagonista Nwamgba, uma nigeriana moradora de uma pequena vila, dona de uma personalidade forte que a difere das outras mulheres. Desde o princípio do conto, narrado em terceira pessoa, o leitor conhece sua determinação ao escolher Obierika como marido, contrariando a vontade do pai. Obierika era filho único, condição atribuída a uma maldição de família. Coincidência ou maldição, Nwamgba também terá abortos espontâneos, e, como a sogra, dá a luz a um menino apenas, Anikwenwa, a quem educa sozinha, já que o marido morre alguns anos depois.

O dilema de Nwamgba tem início na adolescência do filho, cuja vida e patrimônio estão ameaçados pelos tios, que desejam tomar as terras deixadas por Obierika. Para protegê-lo, Nwamgba tem a ideia de colocá-lo em uma escola de missionários católicos, já que aprender a língua inglesa é uma condição para defender seus direitos nos tribunais recém-instalados pelos colonizadores. As consequências dessa decisão são exploradas por Adichie no decorrer do conto. A principal delas é o distanciamento entre Anikwenwa, sua mãe e sua cultura, tratada como primitiva pelos professores da escola católica. Viúva e afastada do filho único, Nwamgba reencontra esperança somente no fim da vida, com o

nascimento de sua neta Grace. Ela acredita que a menina é a reencarnação do esposo:

Desde o momento em que Nwangba o tomou nos braços, os olhos brilhantes do bebê se fixaram nela: ela sabia que o espírito de Obierika tinha finalmente retornado; era estranho que tivesse voltado como menina, mas quem poderia prever o modo de agir dos ancestrais? (ADICHIE, 2008, p. 74).¹

“From the moment Nwangba held her, the baby’s bright eyes delightfully focussed on her, she knew that the spirit of Obierika had finally returned; odd, to have come back in a girl, but who could predict the ways of the ancestors?”

Apesar de ser educada na mesma escola do pai, Grace tem grande interesse pelas histórias e pela poesia da avó. A menina contraria os pais cristãos e os valores da educação que recebe para recuperar tradições perdidas. Grace deixa o curso de química para se tornar uma historiadora. No final de uma série de atitudes que revolucionam sua vida, Grace vai a um fórum e altera seu nome cristão para Afamefunu, que significa “meu nome não será perdido”: era o nome que sua avó havia lhe dado.

II

A troca de nomes é um artifício recorrente em “The headstrong Historian”, suscitando dois questionamentos. O primeiro se refere aos temas cultura e identidade. Neste trabalho, faço uso da expressão identidade cultural, utilizada para designar a crença em um conjunto de características culturais comuns a um determinado grupo, podendo se manifestar coletivamente ou ser expressa por um indivíduo que se identifique com um grupo por meio de um sentimento de pertença. O sujeito, ao se identificar com um grupo, estabelece um procedimento comparativo: há sempre outro grupo em oposição, com o qual o indivíduo não se identifica. As identificações podem ser amplas ou se restringir a um aspecto apenas, podendo variar no tempo e no espaço, modificando-se constantemente. Para Stuart Hall:

As identidades (...) estão sempre entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 1999, p. 12)

A noção de identidade como processo, defendida por Hall (1999), é mais bem expressa pela palavra identificação, que assegura o caráter temporário e mutável da identidade cultural. O conflito entre as duas ideias – identidade e identificação – é elucidado pelo crítico cultural Kobena Mercer, que pondera que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, p. 43). O conflito resultante de um meio que tenta impor um perfil rígido ao sujeito gera o que Hall (1992) chama de crise de identidade: “A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está (...) abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 1992, p. 7). Fruto da própria

inexistência da identidade, esta crise a que Hall (1992) se refere é investigada em “The headstrong Historian” a partir das consequências das mudanças de nomes das personagens, fato que simboliza, ao mesmo tempo, a desestabilização e o restabelecimento de seus quadros de referência identitária. Portanto, o uso do termo identificação é mais preciso para representar a fluidez e o caráter provisional das características culturais comuns a um determinado grupo.

O segundo questionamento provocado pela troca de nomes em “The headstrong Historian” se refere à tensão entre o lembrar e o esquecer que perpassa as três gerações retratadas. Nwamgba luta para manter sua habilidade psíquica de armazenar e de relembrar, ao passo que o filho deseja esquecer. Grace, neta de Nwamgba, quer lembrar e esquecer ao mesmo tempo.

Os estudos sobre a memória costumam partir do princípio de que ela pode ser uma experiência coletiva ou individual, embora Andreas Huyssen (2003) acredite que somente a memória individual possa ser de fato considerada. Em “The headstrong Historian”, Adichie lida com a memória tendo por foco o individual, podendo ser considerado sob o prisma de cada personagem, já que as questões pessoais e culturais do passado repercutem no presente cada uma a seu modo, podendo resgatadas ou não.

A memória, assim vista a partir dos aspectos culturais do passado que persistem no presente, tem gerado uma discussão relevante na História e também nas Letras. Como linha de pesquisa nas universidades, a memória cultural constitui um espaço de discussão de discursos identitários diversos que, ao serem estudados, permitem explorar as modalidades de inscrição da memória, historicamente constituídas. Liliane Weissberg (1999) destaca que a memória cultural é articulada e construída por meios diversos como, por exemplo, objetos, arquivos, monumentos e discursos.

Se estudada por meio da literatura, a memória cultural é uma ferramenta que permite associar a função de obras literárias em preservar ou subverter a memória, que pode, como é o caso do conto que analiso, ser um elemento estruturador da narrativa. “The headstrong Historian” contempla um dos principais desafios da alteridade no âmbito da literatura pós-colonial: representar, ficcionalmente, as subjetividades situadas à margem, por meio de uma narrativa que faz referência crítica a registros históricos.

Dessa forma, esse trabalho se aproxima de uma vertente de estudos sobre a memória cultural, ligada aos estudos de gêneros e estudos pós-coloniais, que se interessa em investigar a importância de lembranças particulares e individuais de mulheres e minorias geralmente alijadas da história oficial. Andreas Huyssen ressalta que “os discursos da memória permanecem amarrados a memórias específicas de grupos sociais situados no tempo e espaço” (HUYSSSEN 2003, p. 148).² Tais discursos adquiriram importância atualmente por causa de uma ansiedade pela apreensão do passado e sua codificação em termos políticos, sociais e culturais.

“memory discourses remain tied to the specific memories of social groups in time and place”

Nos contextos de países pós-coloniais, o discurso da memória se mostra relevante. Na Nigéria não é diferente, como se pode verificar em obras literárias de escritores como Adichie. “The headstrong Historian” aborda e recupera memórias rearticuladas no trauma do colonialismo, retratando o choque de culturas em meio a conflitos de gerações que antecedem o período colonial, estendendo-se a tempos pós-coloniais.

III

É notável que Adichie consiga cobrir três gerações por meio de uma forma literária concisa como o conto, abordando, de uma só vez, a identidade, a questão colonial e a memória por meio da troca de nomes, ação que tem um efeito distinto para cada geração em que ocorre. A mudança de nome é um ato legal, existente em todos os sistemas jurídicos, que dá ao indivíduo o direito de adotar um novo nome por razões variadas. Entre os cristãos, a adoção de um nome no ato do batismo é uma prática antiga. Em algumas ordens religiosas católicas, o religioso que adere também escolhe um nome, preferencialmente bíblico.

Há quatro situações em que a mudança de nomes ocorre em “The headstrong Historian”. Na primeira, Nwamgba deseja que o filho Anikwenwa aprenda a língua inglesa, e por isso o leva para ser educado por missionários católicos, os únicos na região que ministravam aulas nesse idioma. Nwamgba imagina que se o filho aprendesse inglês, poderia defender seus direitos nos tribunais recentemente instalados pelos brancos. Os missionários católicos, porém, impõem uma condição:

O padre Shanahan disse a ela que Anikwenwa teria que escolher um nome inglês porque não era possível ser batizado com um nome pagão. Ela concordou facilmente. O nome dele era Anikwenwa até onde ela sabia; se queriam chamá-lo de algo que ele mal podia pronunciar para então ensiná-lo a língua, ela não ligava de jeito nenhum. (ADICHIE, 2008, p. 71)³

“Father Shanahan told her that Anikwenwa would have to take an English name, because it was not possible to be baptized with a heathen name. She agreed easily. His name was Anikwenwa as far as she was concerned; if they wanted to name him something she could not pronounce before teaching him their language, she did not mind at all.”

Nwamgba não tem e nem poderia ter consciência das consequências que surgirão a partir da decisão de entregar o filho para a missão católica. Ela simplesmente acredita que a educação que o menino vai receber é a única forma de combater a ameaça dos primos do marido falecido, que desejam tomar suas terras. Assim, Anikwenwa é batizado e passa a se chamar Michael.

O narrador então descreve como pequenas mudanças, aparentemente inócuas, vão se somando para desestabilizar as bases identitárias tradicionais de Anikwenwa. Por influência dos ensinamentos católicos, ele passa a usar roupas e considerar a nudez de sua mãe um pecado. Passa a ser punido na escola com castigos físicos, prática até então desconhecida. No fim de semana, quando volta para casa, Anikwenwa não quer realizar o serviço comunitário na vila, tarefa que sempre fora compartilhada entre as crianças. Na adolescência, deixa de comer a comida da mãe, alegando que “era usada no sacrifício a ídolos” (ADICHIE, p. 72).⁴ Na época da cerimônia de iniciação de seu clã, Anikwenwa reluta em participar, pois padre Shanahan considera um costume pagão que

“it was sacrificed to idols.”

deveria ser abandonado. Por fim, Anikwenwa deixa a mãe sozinha e parte com os missionários para Lagos.

No segundo caso de mudança de nomes, muitos anos adiante, Michael se casa com Mgbeke que, também convertida ao catolicismo, passa a ser denominada Agnes: “A cerimônia de casamento na igreja fora estranha e engraçada, mas Nwamgba a suportou em silêncio, dizendo a si mesma que logo ela morreria para se juntar a Obierika e se livrar de um mundo que cada vez mais não fazia sentido” (ADICHIE, 2000, p. 74).⁵ Irritada e triste com tantas mudanças, Nwamgba se agarra à esperança de ter um neto que, de acordo com suas crenças, seria Obierika, que voltaria para trazer-lhe conforto e uma razão para viver.

Mgbeke então dá a luz a um menino, batizado pelo padre O’Donnell como Peter, mas nomeado Nnamdi pela avó, a terceira troca de nomes no conto. Com a criança nos braços, Nwamgba sente que não é o espírito de Obierika. Após sofrer três abortos, Mgbeke tem uma menina, em cujos olhos brilhantes Nwamgba reconhece o espírito do falecido marido. Batizada como Grace na Igreja Católica, a menina é chamada pela avó de Afamefunu, que significa “meu nome não será perdido”. Desde cedo, Grace tem grande interesse na poesia e nas histórias de sua avó, mas o pai a manda para uma escola católica em Onicha, o que preocupa Nwamgba: “Ela temia que, no colégio interno, os novos costumes pudessem dissolver o espírito de luta de sua neta, substituindo-o por uma rigidez indiferente, como a de seu filho, ou por uma impotência hesitante, como a de Mgbeke” (ADICHIE, 2000, p. 74).⁶

A narrativa avança no tempo e agora Nwamgba está em seu leito de morte, à espera da neta Grace, de acordo com o pai, não poderia vir vê-la, pois está em período de realização de provas. No clímax da narrativa, Grace abre a porta do quarto da avó, após “ter ficado dias sem dormir, seu espírito inquieto impelindo-a para casa” (ADICHIE, 2008, p. 75).⁷ Enquanto Grace segura as mãos da avó, o leitor conhece seu futuro, narrado no tempo passado, uma estratégia narrativa que possibilita diversos saltos súbitos para o futuro para então retornar, nas últimas linhas, ao leito de morte de Nwamgba.

O “*flashback* do futuro” aponta várias atitudes que Grace tomaria em sua vida, a partir da conscientização adquirida pela personagem acerca de sua própria cultura e identidade. A primeira delas é na escola católica, quando a menina inicia estudos sobre os “selvagens” nigerianos que, de acordo com a professora Irmã Maureen, não poderiam produzir poesia. Grace entra em conflito com os pais católicos, afastando-se de casa e se tornando professora primária, época em que escuta histórias de destruição e violência promovidas por brancos e suas armas. Na universidade, troca o curso de Química para História, comparando, durante muitos anos, “ideias óbvias e inflexíveis impressas em livros com as coisas suaves e sutis que se alojam na alma” (ADICHIE, 2008, p. 75).⁸ A consciência crítica que adquire sobre a violência do processo colonial em seu país a faz compreender e perdoar o pai, “e então correr para casa para vê-lo, com seus olhos lacrimosos pela idade, dizendo a ele que não havia rece-

“The marriage ceremony in the church was laughably strange, but Nwamgba bore it silently and told herself that she would die soon and join Obierika and be free of a world that increasingly made no sense,”

“She feared that, at boarding school, the new ways would dissolve her granddaughter’s fighting spirit and replace it with either an incurious rigidity, like her son’s, or a limp helplessness, like Mgbeke’s.”

“...she had been unable to sleep for days, her restless spirit urging her home.”

“...the hard, obvious things that are printed in books and the soft, subtle things that lodge themselves in the soul.”

"...and then hurry home to see him, his eyes watery with age, telling him she had not received all the letters she had ignored, saying amen when he prayed, and pressing her lips against his forehead."

"Pacifying with Bullets: A Reclaimed History of Southern Nigeria."

"The Pacification of the Primitive Tribes of Southern Nigeria."

"...feeling an odd rootlessness in the later years of her life, surrounded by her awards, her friends, her garden of peerless roses, would go to the courthouse in Lagos and officially change her first name from Grace to Afamefuna."

"People ruled over others not because they were better people, she said, but because they had better guns."

bido todas as cartas que na verdade tinha ignorado, dizendo amém quando ele orava e beijando sua testa" (ADICHIE, 2008, p. 75).⁹ No trabalho como historiadora, Grace resgata registros da violência dos colonizadores, publicando-os em "Pacificando com balas: História recobrada da Nigéria Meridional",¹⁰ sua resposta acadêmica ao livro didático em que havia estudado quando adolescente chamado "A pacificação das tribos primitivas do sul da Nigéria".¹¹

Após muitos anos de prêmios acadêmicos, palestras em conferências e relatórios para organizações internacionais, Grace imagina sua avó, olhando-a com orgulho e satisfação e toma uma decisão: "sentindo um estranho desenraizamento nos últimos anos de sua vida, cercada por seus prêmios, amigos, seu jardim com suas rosas inigualáveis, foi a um tribunal em Lagos e oficialmente mudou seu primeiro nome de Grace para Afamefuna" (ADICHIE, 2008, p. 75).¹² Aqui se configura a quarta e última troca de nomes em "The headstrong Historian".

IV

A troca de nomes tem pelo menos dois papéis significativos no conto de Adichie. No caso de Anikwenwa, que se transforma em Michael, simboliza a desestabilização de valores que fazem parte de uma tradição cultural rompida por meio da violência: no choque entre duas culturas, uma delas se autoproclama superior, mas na verdade se impõe por meio de armas e subjugo. Nesse aspecto, o conto de Adichie assume o tom de denúncia frequente na literatura pós-colonial, uma reação ao discurso do colonizador bem expressa nas palavras de Nwamgba: "As pessoas dominavam outras não porque eram melhores, dizia ela, mas porque tinham armas melhores" (ADICHIE, 2008, p. 70).¹³ Como se verifica na narrativa, as armas dos brancos que chegam à vila de Nwamgba não são somente de fogo, mas também de persuasão.

Entretanto, Nwamgba, faz uma interseção entre a questão colonial, naturalmente abordada por escritores africanos que desejam rever histórias de massacre e opressão e a condição pré-colonial, já que, a partir de sua perspectiva, o leitor também tem acesso às disputas de poder internas às comunidades nigerianas e situações que ocorriam antes da chegada do colonizador, que se mesclam à nova condição.

Outro papel que a alteração de nomes possui na narrativa está explícito no caso de Grace que, ao trocar o nome para Afamefuna, reverte a tendência do discurso de vitimização do colonizado, sinalizando que a troca de nomes não é por si só um sinal de aniquilamento identitário, mas também de resgate. Nesse momento, no desfecho da história, percebemos que Grace passa a ser a historiadora obstinada referida no título do conto, posição até então associada à Nwamgba, que era uma contadora de histórias. Ao se registrar como Afamefuna, Grace recupera o passado em sua dimensão pessoal, familiar e afetiva, colocada em pé de igualdade com seu trabalho de historiadora, internacionalmente reconhecido pelas respostas que dá às narrativas depreciativas dos colonizadores europeus.

Por fim, a forma como a autora constrói a trajetória de Grace, fazendo uso criativo do tempo passado para desvendar o futuro, é uma estratégia de produção da memória que conduz o leitor por um caminho atemporal, indefinido, que é o futuro de Grace, o presente de Nwambaga e, ao mesmo tempo, é o passado recente da Nigéria, em que historiadores e escritores redescobrem e recuperam valores, reconfigurados em novas realidades pós-coloniais. Destarte, Adichie promove a fusão da forma literária e do conteúdo abordado, resultando em um conto de face plural, em que negociações culturais e identitárias se revelam variadas e processuais.

ABSTRACT

This article discusses the fictional account of the cultural clash resulting from the interventions of white missionaries in a Nigerian clan, represented in "The Headstrong Historian", by Chimamanda Ngozi Adichie. The tensions between remembering and forgetting are articulated by the generation conflict that arises from the clash between the elder's local tradition and the younger's acculturation, which is symbolized mainly by the replacement of a traditional name for an English one, a condition that is imposed upon them. It also discusses the historical and cultural references that recreate the trauma of colonialism and its consequences in postcolonial times, inserted into the narrative by Adichie.

Key words: Cultural Identity; Memory; History; Colonialism; Adichie.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The headstrong Historian. In: *The New Yorker* 84.18, 23 jun. 2008, p. 68-75. Disponível em: <http://www.newyorker.com/fiction/features/2008/06/23/080623fiction_adichie>. Acesso em 19 mar 2010.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story. Miniconferência promovida pelo **Technology, Entertainment, Design (TED)**, jul. 2009. vídeo (19 min.). Disponível em: <http://www.ted.com/talks/lang/eng/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html>. Acesso em 12 mar 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HUYSSSEN, Andreas. *Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory*. Stanford: Stanford University Press, 2003.

MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (Org). **Identity: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

RUSHDIE, Salman. Imaginary homelands. In: RUSHDIE, Salman. **Imaginary homelands: essays and criticism**. New York: Penguin, 1991.

WEISSBERG, Liliane. Introduction. In: BEN-AMOS, Dan; WEISSBERG, Liliane (Ed). **Cultural memory and the construction of identity**. Detroit: Wayne State University Press, 1999. p. 7-26.

TUNCA, Daria. Biography & more. In: **The Chimamanda Ngozi Adichie website**. Liège, Bélgica: University of Liège. Disponível em: < <http://www.l3.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html> > Acesso em 20 mar 2010.